



Ponto Urbe

Revista do núcleo de antropologia urbana da USP

15 | 2014

Ponto Urbe 15

Memórias anfitriãs: interações, dádiva e hospitalidade em Santa Teresa (RJ)

Renée Louise Gisele da Silva Maia



Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/2556>

DOI: 10.4000/pontourbe.2556

ISSN: 1981-3341

Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

Refêrencia eletrónica

Renée Louise Gisele da Silva Maia, « Memórias anfitriãs: interações, dádiva e hospitalidade em Santa Teresa (RJ) », *Ponto Urbe* [Online], 15 | 2014, posto online no dia 30 dezembro 2014, consultado o 20 abril 2019. URL : <http://journals.openedition.org/pontourbe/2556> ; DOI : 10.4000/pontourbe.2556

Este documento foi criado de forma automática no dia 20 Abril 2019.

© NAU

Memórias anfitriãs: interações, dádiva e hospitalidade em Santa Teresa (RJ)

Renée Louise Gisele da Silva Maia

Introdução

Não, eu prefiro viver numa casa onde eu bato o olho e percebo logo: Aqui tem vida... Casa com vida, pra mim, é aquela em que os livros saem das prateleiras e os enfeites brincam de trocar de lugar. Casa com vida tem fogão gasto pelo uso, pelo abuso das refeições fartas, que chamam todo mundo pra mesa da cozinha. Sofá sem mancha? Tapete sem fio puxado? Mesa sem marca de copo? Tá na cara que é casa sem festa.

“Casa Arrumada” - Carlos Drummond de Andrade

- 1 Elemento central de investigações de processos e produtos culturais, as interações sociais manifestam nas interfaces entre turismo e hospitalidade algumas práticas e funcionamentos ímpares. Este seria o caso, por exemplo, dos encontros entre hospedeiros e hóspedes em estabelecimentos inseridos na interseção entre atividade comercial e intimidade: as hospedagens comerciais domiciliares. Tais espaços privados – *bastidores* por excelência – são abertos para o acolhimento do outro mediante pagamento financeiro, expondo questões interessantes que perpassam a motivação para esta abertura, as articulações entre pessoalidade e impessoalidade e, ainda, o duplo processo de influência entre sua oferta e o contexto sociocultural e espacial onde estão inseridas.
- 2 Objetivando compreender as dinâmicas e significados atrelados a interações como estas, elegeu-se como objeto de investigação hospedagens de tipo “cama e café¹”, recortando seu campo em unidades situadas no bairro carioca de Santa Teresa. A opção pela delimitação nesta localidade é justificável não somente por esta ser uma prática largamente difundida ali, mas ainda pela oportunidade de problematização das interfaces entre algumas de suas características peculiares e os funcionamentos e significações destas acolhidas.
- 3 Para isso, entrevistas semiestruturadas e observação participante foram combinadas como ferramentas metodológicas complementares. A primeira possibilitou o

posicionamento das memórias destas interações elaboradas pelos anfitriões como caminho de investigação, assumindo-os como indivíduos que carregam marcas de diversos hóspedes, as quais já fazem parte deles mesmos. Já a segunda, permitiu considerações mais detalhadas sobre as articulações entre diferentes instâncias da vida social, manifestas em discursos, comportamentos e nas formas de relacionamento entre indivíduo e espaço.

- 4 Busca-se compartilhar, portanto, experiências acerca do desenvolvimento da pesquisa - em especial quanto a definição, negociação e entrada no campo - e resultados encontrados a partir desta investigação de antropologia urbana. Os três momentos de apresentação dedicam-se, respectivamente, à descrição do campo e das questões a ele relacionadas, e à apresentação dos resultados, organizados em torno de dois eixos centrais: o exterior e o interior das casas pesquisadas.
- 5 Observou-se que os *elementos exteriores* apresentados no primeiro momento de análise, ou seja, as relações estabelecidas entre estes anfitriões, o espaço público do bairro e seus demais moradores, cristalizam-se em torno de um *ethos* de cidade pequena - e parecem estar profundamente relacionados com os *aspectos interiores* (os encontros). A relação entre privado e público parece ser, assim, de mútua influência. Além disso, as instâncias intimidade/ atividade comercial, informalidade/ formalidade - compreendidas a partir da instrumentalização das categorias de *casa* e *rua* - são, ao contrário de antagônicas e auto-excludentes, articuladas de maneira dinâmica e intrínseca nas três casas abordadas.

O campo: negociação, entrada e descrição



Figura : Casa das Bananeiras. (Foto de Renée Maia)

- 6 A partir da definição pelo enfoque em hospedagens de tipo “cama e café” localizadas em Santa Teresa, optou-se pela escolha de unidades cadastradas em redes de hospedagens, em especial pelo fator de viabilização metodológica da abordagem e contato com tais anfitriões/ moradores. Neste sentido, duas redes destacam-se, não só na cidade do Rio de Janeiro, mas no país: a *Cama e Café* e a *Bed and Breakfast Brasil*².
- 7 No primeiro momento, buscou-se estabelecer um diálogo com os gestores da rede *Cama e Café*. No entanto, apesar de um progresso inicial (no segundo semestre de 2012) nas negociações para realização da pesquisa de campo em algumas de suas unidades, já no início de 2013 os responsáveis contatados pareciam ter perdido o interesse em participar da pesquisa, interrompendo as comunicações previamente estabelecidas. Partiu-se, então, para uma negociação com a rede *B&B Brasil*, também de grande abrangência e experiência na área. O contato inicial com o fundador e gestor geral da rede - Loris Capogrossi - deu-se através da historiadora e produtora cultural Ana Pimentel, autora da dissertação

“Hospedagem Domiciliar no Rio de Janeiro: o espaço de encontro entre turistas e anfitriões” pelo Programa EICOS/ UFRJ.

- 8 A Rede *Bed and Breakfast* Brasil iniciou suas operações em 2004 a partir da casa de amigos e de contatos indicados por estes. Atualmente conta com cerca de 300 domicílios cadastrados, espalhados por 18 estados do país, sendo 120 deles na cidade do Rio de Janeiro. A rede disponibiliza um site para a consulta de residências/alojamentos e para realização das reservas. Através deste é possível buscar a opção desejada de hospedagem pelas cidades ou até mesmo bairros de preferência do turista. O site apresenta também uma descrição de cada residência, apontando pontos de referência próximos, e apresentando amenidades oferecidas e restrições colocadas pelos anfitriões como, por exemplo, as de não receber fumantes ou animais.
- 9 Os primeiros contatos com o gestor foram estabelecidos através de redes sociais e de *e-mails*. Desde o início o mesmo mostrou-se prontamente disponível e interessado em contribuir. Inicialmente a ideia era trabalhar com entrevistas em profundidade aliadas à revisão bibliográfica como principais ferramentas metodológicas. No entanto, a existência de um contrato de confidencialidade entre a rede e os anfitriões cadastrados impedia o fornecimento de informações ou mesmo dos contatos destes para a pesquisa.
- 10 Buscando chegar a um acordo, propus que as entrevistas fossem realizadas durante períodos de hospedagem nas próprias residências-anfitriãs, desde que seus moradores tivessem previamente aceitado participar da pesquisa. Tal opção foi bastante interessante, pois acabou possibilitando a realização da observação participante como ferramenta complementar e enriquecedora da coleta de dados.
- 11 O próprio Loris Capogrossi, atuando como mediador nesta negociação inicial com os moradores, sugeriu três casas - do total de quinze cadastradas neste bairro -, as quais, segundo ele, representariam exemplos bastante distintos entre si, tanto pela forma de operação das hospedagens, como pelo tempo que estavam na rede. As unidades selecionadas foram então: a *Cazazen*, a *Casa das Bananeiras* e a *Casa das Marias*.
- 12 Com o avanço nas negociações, ficou acordado o período de três dias e duas noites de hospedagem em cada casa. As hospedagens foram pagas por diárias, da mesma forma e sob os mesmos procedimentos que um cliente comum, tendo o responsável pela rede concedido um desconto especial de 15% no valor total em virtude da finalidade das estadias³.
- 13 É interessante destacar que a prática de atribuir à casa um nome como forma de identificação é comum em redes de hospedagem domiciliar. Assim, cada nome diz respeito a característica das residências que os próprios anfitriões querem destacar, servindo ainda como uma ferramenta para a criação de seus perfis no site da rede.
- 14 A primeira casa visitada foi a *Cazazen* e nesta casa, tal nome está relacionado à atmosfera “zen” que os moradores buscam tanto para seu cotidiano, quanto como qualidade a ser oferecida aos hóspedes. Vale salientar que esta residência apresenta a localização mais “isolada” dentre as demais, encontrando-se em uma área cercada por matas e comparativamente mais distante dos atrativos turísticos e estabelecimentos comerciais do bairro.

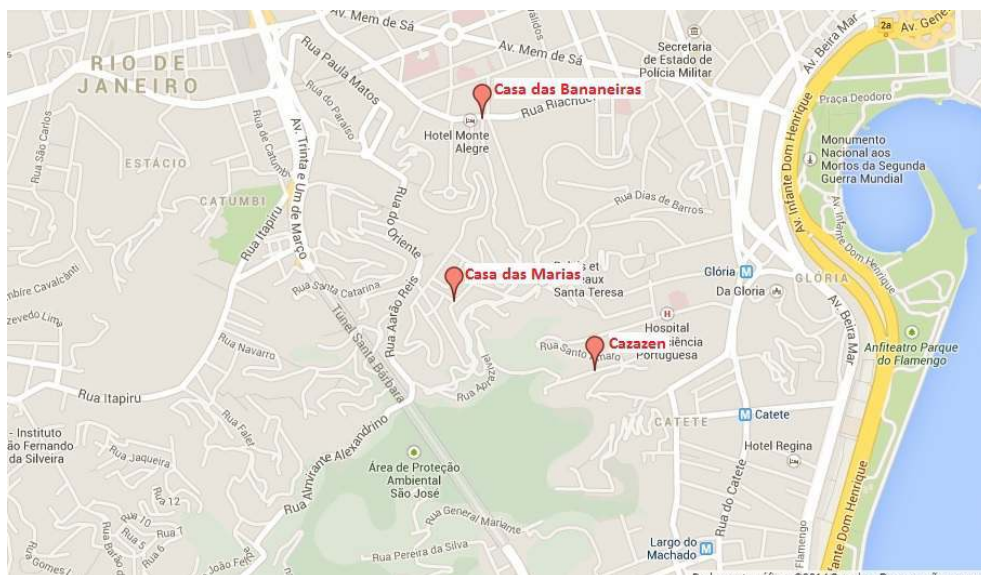


Figura 2: Mapa com a localidade das casas visitadas. (Imagem do Google Maps).

- 15 Nesta casa, residem o casal Anne (arquiteta, com dupla nacionalidade: inglesa e brasileira) e Paulo (brasileiro, filósofo, analista de sistema e ex-guia de turismo) e sua filha de seis anos. As entrevistas com estes anfitriões transcorreram em um clima bastante informal e foram realizadas ao longo de todo o tempo da hospedagem, precisando ser “encaixadas” nos períodos entre uma atividade doméstica e outra – ou mesmo durante uma atividade, como a limpeza da louça ou o acompanhamento das tarefas escolares da filha.
- 16 O terreno da casa abriga, na verdade, três residências e três famílias distintas. A casa principal pertence à família anfitriã (proprietária do terreno) e é composta de três andares. No primeiro ficam a sala, a cozinha, uma varanda, um grande jardim e a suíte dedicada à hospedagem domiciliar. A casa e esta suíte – que tem formato de chalé – estão separadas pelo jardim. No segundo andar, ficam três quartos da casa – sendo uma suíte – e mais um banheiro social. O terceiro andar é inteiramente composto por um terraço, dedicado a reuniões sociais e momentos de lazer da família.
- 17 As demais unidades residenciais existentes dentro dos limites do terreno da casa são, na realidade, dois pequenos apartamentos de dois quartos, sala, cozinha e banheiro, construídos por esta família e hoje são alugados em caráter permanente –aluguel residencial convencional – para “amigos que se tornaram vizinhos ou vizinhos que se tornaram amigos”, como narram os próprios entrevistados. Assim, os moradores também dizem gostar de poder morar em “um clima mais de vila” onde “há sempre alguma companhia”.
- 18 A unidade de hospedagem⁴ mais utilizada por eles é constituída por uma espécie de chalé e está localizada dentro do terreno da casa, mas não está estruturalmente anexa ao núcleo domiciliar⁵. Este espaço não é o único utilizado na oferta de hospedagem, mas foi construído, segundo os entrevistados, para proporcionar maior conforto aos hóspedes, já que anteriormente estes ficavam em quartos dentro da própria casa, compartilhando o uso do banheiro social com os demais moradores.
- 19 Na Cazazen as hospedagens domiciliares são operacionalizadas de maneira bastante esporádica e não constituem uma complementação significativa para a renda destes moradores. Receberem por volta de dois ou três hóspedes por ano, seja no sistema de hospedagem por diária ou por temporada. Oferecem hospedagem domiciliar de caráter

comercial há pelo menos 10 anos, mas estão na rede *B&B Brasil* somente desde 2012, tendo sua entrada sido motivada pela Conferência das Nações Unidas Rio+20.

- 20 Localizada bem próximo ao Largo dos Guimarães, a *Casa das Bananeiras* foi a segunda casa pesquisada e recebe este nome em razão de seu pátio adornado por grandes bananeiras. Representante dos casarões históricos que tanto marcam o bairro de Santa Teresa, dispõe de 13 quartos divididos em múltiplos níveis interconectados. Dentre este total, 11 são dedicados à hospedagem comercial e, apesar de estarem todos contidos dentro da casa, nenhum deles dispõe de acesso direto ao *núcleo domiciliar*. Moram na casa um casal – Leonardo (brasileiro, artista plástico) e Beatriz (brasileira, designer) e seus dois filhos. Nesta casa o funcionamento é bastante diferente do observado na anterior, predominando a operação comercial e a hospedagem por temporadas de, em média, seis meses até um ano. Estes anfitriões fazem parte da *B&B Brasil* há apenas um ano e meio, mas contam já oferecer estes serviços há aproximadamente cinco anos.
- 21 As entrevistas foram realizadas em momentos especificamente separados para tal e combinados previamente com os moradores, de acordo com sua disponibilidade. Os entrevistados responderam a todas as questões e apresentaram toda a parte da casa dedicada à hospedagem. As áreas exclusivamente dedicadas ao uso privado da família não foram expostas ou abertas à visita em nenhum momento da estadia.
- 22 A terceira residência integrante da pesquisa ou selecionada foi a *Casa das Marias*, um apartamento de dois quartos, sala, cozinha e banheiro em um andar subterrâneo de um prédio de quatro andares situado em frente ao renomado Hotel de Santa Teresa. Nesta residência moram um casal – Maria Cláudia (brasileira e assistente social) e Marcos (brasileiro e professor) com suas duas filhas (de onze e seis anos de idade). O nome atribuído a esta residência por seus moradores é uma menção aos primeiros nomes da mãe e suas filhas. O apartamento dispõe de três quartos no total, sendo uma suíte – também estruturalmente separada do núcleo domiciliar e com entrada independente – dedicada à hospedagem comercial.
- 23 Assim como na casa anterior, as entrevistas foram realizadas em momentos especificamente separados para tal, em especial, no período da noite, após a chegada da anfitriã de seu trabalho e realização de tarefas domésticas. As entrevistas transcorreram em clima informal, mas, inicialmente, a anfitriã demonstrou certa preocupação sobre sua aptidão para responder às questões propostas, julgando ter pouca experiência no oferecimento de serviços de hospedagem. Estão na rede há apenas seis meses e, por isso, teriam recebido apenas um casal de hóspedes franceses até a minha hospedagem. Após uma breve explicação dos objetivos e características da pesquisa e de minha formação profissional, a entrevistada demonstrou estar mais à vontade para a realização das entrevistas.
- 24 É interessante observar que em todas as casas as *unidades de hospedagem* encontram-se fisicamente separadas dos *núcleos domiciliares*. Além disso, quanto ao perfil dos entrevistados, todos declaram pertencer à classe média, têm filhos – que residem na casa pesquisada – e falam pelo menos um idioma estrangeiro. Todos estes aspectos foram levados em conta na problematização dos dados e resultados encontrados.

“Tem qualquer coisas de roça aqui”: a “casa” na rua

- 25 Apesar das discrepâncias quanto às dinâmicas, operacionalizações e configurações das casas, a homogeneidade encontrada nas respostas acerca das principais características do bairro e dos elementos de identificação entre anfitriões/moradores e este foi surpreendente, simbolizando uma porta de entrada através da qual os aspectos *exteriores* da pesquisa foram desenvolvidos.
- 26 Em todas as três casas pesquisadas, as características apontadas pelos moradores em suas respostas giram em torno da descrição de uma atmosfera de “cidade pequena”, com uma temporalidade desacelerada e formas de sociabilidade mais pessoais e informais. O primeiro dos aspectos enaltecidos é a tranquilidade da vida no bairro, qualidade apontada explicitamente por todos os entrevistados. Beatriz (*Casa das Bananeiras*) relata: “É muito bom você acordar com esse silêncio. Não sei se você notou, né?! Passarinhos e tal...”. Maria Cláudia (*Casa das Marias*) também descreve: “Tem o silêncio, ainda, um pouco aqui, assim... é aquela coisa ainda tranquila, né? Então tem isso, tem silêncio, tranquilidade, eu acho bem tranquilo aqui.”.
- 27 Outro aspecto apontado como característico do bairro e percebido como uma de suas principais qualidades diz respeito às relações entre moradores locais, descritas como mais informais, pessoais, e frequentemente norteadas por noções como as de reciprocidade e solidariedade. Delineia-se nestes discursos um *ethos* permeado por crenças ou lógicas como: “aqui todo mundo se conhece”, “aqui eu sei quem mora em cima de mim, do meu lado”, “aqui ainda se pode contar com os vizinhos”. Maria Cláudia (*Casa das Marias*) narra:
- É, a vantagem é aquilo que eu falei, você tem contato com os vizinhos, né?! As pessoas ainda batem ‘ah, tem um não sei o quê?’. Eu já cansei de pedir, ah, coisa tipo um ovo pra uma vizinha, a outra me pedia a batedeira... Você tem esse contato. Você anda na rua, então, como são as mesmas pessoas, você acaba tendo essa coisa mais, de realmente contato com o vizinho, você conversa, você vai ali tomar um açaí, aí encontra a pessoa. Tem o cinema, aí você encontra com a pessoa. Tem a pracinha, os lugares que eu frequento. Aí você vai tomar uma sopa, encontra com a pessoa, entendeu? Aí você acaba sendo, assim, muito local. E isso é bom, é a parte que eu acho, assim, boa.
- 28 Ao indicar que através desta dinâmica o morador acaba “sendo muito local”, a entrevistada evidencia outro aspecto interessante: a configuração de espaços como a pracinha, o cinema, a loja de açaí como espaços de sociabilidade, onde as relações entre moradores locais são tecidas e fortalecidas. Neste sentido, é possível interpretar tais espaços de sociabilidade através da categoria de *pedaço* apresentada por Magnani (1996, 1998, 2002), já que apresentam “uma referência espacial, a presença regular de seus membros e um código de reconhecimento e comunicação entre eles.” (Magnani 2002:17). Além disso, seus usos transcendem a busca por diversão fora da jornada de trabalho, simbolizando, também, oportunidades “de estabelecer, revigorar e exercitar aquelas regras de reconhecimento e lealdade que garantem uma rede básica de sociabilidade.” (Magnani 2002:18). Assim, o que define tais espaços são, também, os intrincados processos de significação e apropriação nele imbricados pelas relações ali estabelecidas. Logo, tal configuração de seus usos parece colaborar para a formação e compartilhamento de opiniões, leituras e percepções sobre o bairro, explicando, inclusive, as declarações tão aproximadas acerca das vantagens e desvantagens de morar em Santa Teresa.

- 29 A apropriação e o uso destes espaços públicos como *pedaços* parecem ser influenciados também pela presença de dois outros fatores. O primeiro seria a presença de filhos pequenos (de idades até 11 anos) em todas as famílias entrevistadas; a inserção de crianças no cotidiano familiar parece promover o contato com outros moradores do bairro, como indica Maria Cláudia (*Casa das Marias*):

Quer dizer, no meu caso, eu tive filho aqui, né?! E criança é uma coisa que aproxima muito, porque quando você não tem você meio que entra e sai, né?! Mas quando você tem, você tem que parar, tem que ir na pracinha... Então, depois que ela nasceu eu comecei a conhecer as pessoas de Santa Teresa na verdade, porque você vai na casa de um, aí tem a festinha, tem a pracinha o tempo todo.

- 30 Já o outro fator diz respeito à combinação da numerosa oferta de eventos e locais destinados ao lazer e práticas culturais, com a identificação destes moradores com tais opções oferecidas em seu bairro, ou seja, é a combinação do oferecimento local com o consumo pelos próprios moradores. A configuração de *pedaços* abrangeria não só os espaços dedicados ao lazer infantil, mas abarcaria também outros exemplos como bares, rodas de samba e o Parque das Ruínas. É possível traçar, portanto, uma relação de mútua influência nestas configurações: assim como o consumo destes espaços contribuiria para a construção e manutenção de redes de relações locais, tais redes ali perpetuariam ou promoveriam, por sua vez, não somente tais consumos, mas ainda o *ethos* de cidade pequena descrito pelos entrevistados. “O ‘*pedaço*’ é ao mesmo tempo resultado de práticas coletivas (entre as quais as de lazer) e condição para seu exercício e fruição”. (Magnani 1996:13).

- 31 A comparação de Santa Teresa com uma cidade pequena é clara nos depoimentos de Leonardo (*Casa das Bananeiras*): “Aqui é quase uma roça. Tem qualquer coisa de roça aqui.” e de Paulo (*Cazazen*):

Santa Teresa é um bairro muito informal. Não tem aquela coisa que você tem lá embaixo das pessoas serem distantes, que é uma coisa natural do carioca. Você encontra o cara num bar, ele é efusivo, mas nunca te diz o telefone, nunca te diz onde ele mora. Aqui em Santa Teresa, não. As pessoas convivem em casa, levam em casa, chamam pra casa. Então tem essa meio que cara de cidade de interior, acho que essa é a diferença maior.

- 32 Tal relato traz à tona duas questões interessantes para esta análise. Em primeiro lugar, os entrevistados parecem não identificar as práticas e comportamentos sociais característicos de Santa Teresa com aqueles encontradas nos demais bairros do Rio. Aparece aqui uma espécie de oposição – ainda que figurativa – entre cidade pequena e metrópole, entre Santa Teresa e “o restante” da cidade. Assim, enquanto o primeiro simbolizaria aspectos como uma temporalidade mais tranquila e propiciadora de relações menos fugazes e, conseqüentemente, da manutenção dos vínculos sociais entre seus moradores, os demais representariam a “imagem esperada” da metrópole, o impessoal, as temporalidades e lógicas que atropelam, inviabilizam e corrompem as possibilidades de relações mais duradouras.

- 33 Se pode ser metaforicamente comparada com uma *roça*, Santa Teresa configuraria, então, uma *roça* cosmopolita. A transmutação de *estrangeiros* em *locais* insere esta figura como elemento constituinte das identidades elaboradas para o bairro. Santa Teresa assume, assim, uma identidade claramente articulada e constituída a partir da interação com a diferença. Logo, o caráter de cidade pequena descrito pelos entrevistados não deve ser entendido como consequência de condições de isolamento geográfico ou cultural, mas justamente como resultado de um processo interacional.

- 34 Tal *ethos* peculiar simbolizaria, portanto, mais uma escolha, intenção ou estratégia, do que como uma consequência natural de uma configuração populacional culturalmente homogênea ou tradicional. O que aproxima e une estes moradores em torno de identidades compartilhadas é justamente a presença de interesses e esforços relacionados à busca pela constituição e manutenção desta atmosfera de vizinhança, familiaridade e informalidade, e não, por exemplo, crenças como a de uma origem compartilhada.
- 35 Além disso, o caráter positivo atribuído a esta atmosfera de “roça” estaria condicionado pelas possibilidades e até mesmo facilidades de trânsito ou acionamento das instâncias da metrópole. “Quer dizer, e é também onde eu mais consigo me distanciar da cidade – eu sou bem urbano –, mas onde eu mais consigo me distanciar, a roça mais longe que eu consigo ir é Santa Teresa.” – diz Leonardo (*Casa das Bananeiras*). Beatriz (mesma casa) também destaca as facilidades de acesso a regiões ou bairros como Centro, Flamengo e Glória.
- 36 Assim, as possibilidades de fácil acionamento e alternância entre estas diferentes instâncias da metrópole e da roça parece ser percebida como estratégica para a articulação instrumental entre o pessoal, o familiar, o informal e seus opostos. A própria deficiência de serviços de transporte limitaria as possibilidades de acionamento e trânsito entre estas duas instâncias, sendo percebida, por isso, como uma das principais desvantagens desta localidade, como é possível observar na fala de Maria Cláudia (*Casa das Marias*):
- O acesso às vezes não é tão fácil, né?! É, e teve uma fase que os taxistas “Ah, Santa Teresa não!”. E eu ainda enfrento isso. Eu pego táxi todo dia, porque eu busco minha filha na escola e trago pra cá na hora do almoço e eu ainda encontro motorista de táxi que fala “Ah, Santa Teresa: não!”. E você chama *Santáxi*, chama Glória [táxi] e você não encontra. Não tem essa facilidade assim, então você tem que programar muito o horário...
- 37 Neste sentido, sustenta-se que a contraposição entre *roça* e *metrópole* pode ser interpretada a partir das categorias de *casa* e *rua* (DaMatta 1997), como também das relações comunitárias e relações societárias descritas por Magnani (1996). No entanto, em nenhum destes casos tais dualidades configurariam relações de oposição ou mútua exclusão. Pelo contrário, tais tipos ideais de interação social simbolizariam noções concomitantemente imbricadas nas dinâmicas e organizações de relações nos mais diversos tipos de grupos e sociedades (Magnani 1996), variando-se a predominância de cada uma destas lógicas ou visões de mundo – assim como suas combinações – de acordo com o contexto sociocultural de cada sociedade (DaMatta 1997).
- Na realidade, trata-se de dois padrões, dois tipos ideais de interação social: sociedade implica relações secundárias, vínculos impessoais, visão racional, atitudes utilitaristas; enquanto comunidade evoca relações face a face, sentimento de solidariedade, obediência à tradição, rígido controle social, etc. Relações “societárias” e “comunitárias” não constituem características exclusivas de uma forma determinada de organização social: coexistem, imbricam-se. (Magnani 1996:24)
- 38 Dessa forma, a recriação das características de familiaridade, informalidade, reciprocidade e pessoalidade nas relações estabelecidas no espaço público representado por Santa Teresa refletiriam um processo de englobamento, através do qual os domínios espaciais da rua seriam invadidos pela *casa*. E neste processo, os *pedaços* desempenhariam um papel fundamental: configurando espaços de transição entre as visões de mundo da *casa* e da *rua*, funcionariam como elementos de articulação, capazes de expandir as lógicas

da vizinhança, do doméstico e do familiar para o espaço público da rua, e embebendo as relações sociais locais em valores como a informalidade, a reciprocidade e a familiaridade.

- 39 O próprio discurso responsável por evidenciar tais características de *casa* ou *roça* nas relações sociais do bairro também pode ser problematizado. Por um lado, Santa Teresa é vendida turisticamente como um bairro marcado pela informalidade, pela arte, pela boemia das rodas de samba, dos bares e eventos culturais, pela riqueza histórica, e pela grande presença de artistas e estrangeiros como moradores locais. Por outro, é um bairro ainda estigmatizado por boa parte da população carioca como uma localidade insegura, violenta, pobre e associada à malandragem. Não é difícil observar discursos de moradores de outros bairros que posicionem Santa Teresa como “um lugar de artista, de drogado, de vagabundo, do marginal”, “um lugar da noite, da farra, da insegurança”.
- 40 Esta insegurança transcenderia à proximidade de comunidades como as do Fallet e do Fogueteiro, mas representaria ainda uma espécie de “insegurança simbólica” cristalizada em torno do medo do desconhecido, do diferente, do alternativo, do que vai contra o que é assumido e difundido como a “normalidade”. Santa Teresa poderia, assim, ser interpretada a partir de outra categoria: a de *região moral*⁶, proposta por Park (1987). Ainda nesta linha interpretativa, o discurso dos moradores entrevistados evidencia uma forma de autoafirmação diante da contra-visão (negativa e acusatória) ainda presente em leituras externas do bairro. O acionamento da atmosfera da *roça* – a tranquilidade, a informalidade e a reciprocidade nas relações – parecem ser enfatizadas como estratégias de resposta aos estigmas e à consequente marginalização atribuídos à localidade. Tal sentido explicaria também porque, mesmo quando abordadas as desvantagens do bairro, a questão da segurança – seja ela relacionada à violência urbana ou mesmo a questões mais subjetivas ou simbólicas – não foi apontada por nenhum dos entrevistados.
- 41 Paralelamente, a manutenção e valorização deste *ethos* de cidade pequena parece funcionar como uma tentativa de conter a aceleração exacerbada do tempo, em um movimento semelhante ao descrito por Huyssen (2000) ao abordar a *cultura de memória*⁷. Assim como estratégias contemporâneas de rememoração pública e privada estariam sendo motivadas “pelo desejo de nos ancorar em um mundo caracterizado por uma crescente instabilidade do tempo e pelo fraturamento do espaço vivido” (ibid: 34), a constituição e o uso destes *pedaços* também funcionaria como uma forma de validação ou reafirmação de identidades individuais e coletivas.
- 42 A construção destas redes de relações teria, portanto, um papel fundamental na geração de um maior sentimento de estabilidade, pertencimento e identificação para e dentre estes indivíduos. Aqui, memória e identidade relacionam-se diretamente já que, ao interagirem, estes indivíduos não somente compartilham memórias de suas relações particulares, mas constroem novas memórias compartilhadas e constituídas em torno da coletividade “aqueles que fazem parte do *pedaço*”.
- 43 Assim, “a identidade social garante esse significado [da identidade individual] e, além disso, permite que se fale de um ‘nós’ em que o ‘eu’, precário e inseguro, possa se abrigar, descansar em segurança e até se livrar de suas ansiedades.” (Bauman 2012: 46). No entanto, diferentemente do que defende Bauman (2008b), o que observo em minha investigação é uma estratégia de resposta que busca apoio na identificação coletiva não a partir do consumo – ou da mercadorização de indivíduos e relações –, mas da sociabilidade e da reciprocidade.

- 44 Além disso, o englobamento da rua pela *casa* evidencia também a representatividade da casa enquanto espaço e instrumento de sociabilidade para os moradores de Santa Teresa. As características destas relações e seus mecanismos de constituição e manutenção corroboram, assim, todo um interesse e busca por relações mais “pessoalizadas”. Em fala já citada⁸, Paulo (Cazazen) destaca a atmosfera de informalidade das relações estabelecidas ali, opondo-a às relações “efusivas, porém distantes” que seriam típicas dos cariocas, segundo sua percepção. Neste sentido, é interessante observar a diferenciação feita entre a cordialidade e o estabelecimento de relações íntimas, onde a intimidade – simbolizada pelo número do telefone, o endereço, a casa (como espaço íntimo por excelência) – é efetivamente compartilhada, simbolizando um aspecto valorizado e significativo para o estabelecimento do que entendem como relações pessoais – ou mais pessoais.
- 45 Mas, se as categorias sociológicas da *casa* e da *rua* ajudam a situar o funcionamento e as dinâmicas destas relações no bairro, contribuindo até mesmo para a problematização dos discursos que as evidenciam, poderiam elas também auxiliar na compreensão das interações entre anfitriões e hóspedes dentro do domínio privado, da casa? Poderia esta categoria servir ao esclarecimento de questões relacionadas às motivações para o oferecimento deste tipo de hospedagem e a suas formas de desenvolvimento e/ou operacionalização? Na segunda etapa de apresentação dos resultados desta pesquisa, buscarei discutir estes e outros questionamentos, “entrando na casa dos outros” e debatendo, então, as interações aqui enfocadas.

A casa como cenários de encontros (extra)ordinários

- 46 Chegamos à segunda etapa de reflexão e apreciação dos dados coletados: é o momento de “entrar na casa dos outros”, analisando as peculiaridades, as dinâmicas e os significados dos encontros entre anfitriões e hóspedes nos cenários das hospedagens comerciais domiciliares⁹. É interessante iniciar esta apresentação destacando que, ao contrário do ocorrido na seção anterior, quando voltamos o foco para o interior das casas e para as interações ali estabelecidas, os depoimentos e as observações realizadas variam de maneira mais significativa. Não somente as formas de operacionalização das hospedagens distinguem-se em cada caso, mas também a maneira como intimidade e atividade comercial são articuladas. Embora em todas as casas as *unidades de hospedagem* estejam fisicamente separadas do *núcleo domiciliar* da residência e as definições e articulações do que Goffman (2011) define como regiões de bastidor e fachada¹⁰ sejam circunstanciais em todas as casas, cada caso apresenta um perfil performático diferenciado.
- 47 Na *Casa das Bananeiras*, o oferecimento permanente de serviços de hospedagem por temporadas mais longas implica em *performances* de caráter mais comercial e profissional; o papel e a postura predominantes são as do *prestador de serviços*. Já a delimitação da região de bastidor parece ora incluir todo o núcleo domiciliar, ora “afrouxar” estes limites, restringindo o acesso de hóspedes apenas aos cômodos considerados mais íntimos, como os quartos dos filhos e do casal, e os banheiros (do núcleo).
- 48 Já na *Cazazen*, as *performances* aproximam-se da *amizade*. Todos os espaços da casa são abertos para visita e para livre acesso e uso durante o dia. Assim, a definição das regiões dedicadas ao *relaxamento da representação* dos moradores ocorre mais em virtude do período do dia ou de um momento na rotina diária da casa do que da delimitação

estática de um espaço físico. Fica subentendido, ainda que de maneira velada, que no período da noite, quando os moradores já se preparam para dormir, os hóspedes devem evitar acessar o segundo andar da casa dedicado aos quartos do casal e de sua filha. É interessante destacar que não parece haver diferenciação nesta “articulação regional” para hóspedes pagantes ou não-pagantes (amigos e “amigos de amigos”, como indicam os próprios entrevistados).

- 49 Por fim, na *Casa das Marias* a *performance* de Cláudia (principal responsável pelas hospedagens) pode ser descrita a partir de uma de suas falas: “Ah, eu sou uma *mãezona*, né?! Eu gosto de saber se tá bem.” Neste desempenho destacam-se, portanto, as características de preocupação e com o cuidado do outro, a empatia pelo hóspede e os esforços no sentido de lhe proporcionar um acolhimento “maternal”.
- 50 A articulação das regiões neste caso mostra outro aspecto interessante: a percepção e administração dos riscos. Por um lado, Maria Cláudia demonstra insegurança quanto à necessidade de fornecer aos hóspedes a chave que daria acesso irrestrito ao *núcleo domiciliar*. Por outro, considera seus medos relativamente infundamentados, relatando episódios onde teria, inclusive, oferecido aos hóspedes a entrada nestas áreas – em especial à cozinha, para o preparo de refeições¹¹.

Então assim... às vezes eu fico pensando assim...deixar a chave, dar a chave, né?! Você tem que também que transcender, né?! Que a pessoa tá com a chave. Se bem que aqui a pessoa não vai ficar com a chave da minha casa, fica com a chave do portão. Quer dizer, a chave lá [da casa] eu não dou, não tem necessidade. Mas, assim, eu fiquei pensando... falei assim ‘Hmm, será? A chave...tem que ter a chave...’. É, no início eu fiquei um pouco preocupada sim, mas eu pensei ‘Ah, não tem muito o que dar errado, né?!’ Assim, é um turista, né?! Eu fiquei pensando, acho que eu tô numa situação até mais cômoda, né?! Porque imagina, né?! A pessoa vir pra uma casa, não sabe como é que funciona, não sabe: ‘será que é legal? Será que tá limpo?’ Eu já tive em lugares muito ruins, né?! (Maria Cláudia - Casa das Marias)

- 51 Tal fala introduz alguns dos pontos compartilhados pelos três casos. Em primeiro lugar, embora reconheçam a existência de riscos na prestação destas atividades no ambiente doméstico, entendem também que o turista/hóspede, enquanto “não pertencente” ou “conhecedor” do contexto, estaria vulnerabilizando-se em graus significativamente maiores. Anne e Paulo (*Cazazen*) narram um episódio que lhes teria “marcado a memória”, onde seus receios quanto a um futuro hóspede teriam se provado infundados, contribuindo para uma percepção atenuada dos riscos envolvidos nesta prestação.

Mas, assim... é um risco... porque tudo na vida envolve risco. Mas, é um risco muito tangencial. Qual o risco que envolve? A gente já teve, por exemplo, quando o B&B Brasil nos mandou o Emanuel, que veio de um país da África do qual a gente nunca tinha ouvido falar. Quando a gente recebeu a reserva e tal, eu e ela ficamos pensando ‘Pô, será que é país muçulmano? O que que é esse troço que o cara vem? Quem será esse cara?’. Não por causa do preconceito, mas porque a gente sabe que é um lugar onde ainda tem muito conflito étnico... (Paulo)

Será que eu ia ter que andar de burca? (Anne)

Será que a Anne ia ter que andar de burca? Ou botar burca? Aí ficamos assim... Aí eu pesquisei na internet o cara! Entrei na internet e procurei... o cara é um diretor de uma universidade lá! O cara fez doutorado na Inglaterra, cultíssimo, figura delicadíssima. (Paulo)

- 52 Paralela a estas percepções está a preocupação com a obtenção de algum tipo de informação prévia sobre os hóspedes vindouros. Beatriz (*Casa das Bananeiras*) relata: “Ah, a gente teve muita sorte até agora.” Leonardo (mesma casa) completa: “A gente faz uma pequena entrevista pro cara entrar, sabe? A gente dá uma “escaneada” no cara, assim.

Mas, até agora isso daí não foi uma coisa importante não. Nunca tivemos nenhum problema.”

- 53 Parece haver, então, uma estreita relação entre a previsão da situação e preparação das representações. Conforme aponta Goffman (2011), a obtenção ou busca prévia de informações serve à preparação mútua da situação, ou seja, das representações a serem elaboradas e performadas; perpassa, portanto, a própria manipulação das respostas desejadas.
- 54 Outro aspecto bastante relevante observado nos três casos enfocados diz respeito ao acionamento e permeação de diferentes instâncias da vida social. As lógicas de proximidade e distanciamento, de amizade e relação comercial, de informalidade e formalidade mesclam-se de maneira indissociável, sendo acionadas de acordo com as circunstâncias relacionais. Desta forma, como defendido por Zelizer (2008), teorias e esquematizações como a dos mundos hostis e esferas separadas¹² provam-se inadequadas para a interpretação e análise dos dados empíricos encontrados.
- 55 No entanto, se este embaralhamento de instâncias é compartilhado, suas formas de acionamento e articulação diferenciam-se novamente. Enquanto na *Cazazen* amizade e consumo parecem combinados de maneira a praticamente impossibilitar a identificação isolada de cada instância, na *Casa das Bananeiras* sua distinção faz-se mais evidente em virtude de conflitos gerados e percebidos na negociação destas interações.
- 56 Neste sentido, as falas destes entrevistados ora destacam o caráter de amizade e intimidade desta relação - “Eles meio que viram moradores, né?” (Leonardo), “Ah, tem hóspede que vira amigo. Vai pra show junto, vai pra Lapa. Tem o nosso filho que tem uma banda. Aí a menina sobe pra ver o ensaio. Acho que esse é um diferencial grande pra outros lugares. A gente mais ou menos se envolve, conversa e tal. Quer saber se tá bem.” (Beatriz) -, ora exibem desconforto e insatisfação com o grau de envolvimento que entendem ter com seus hóspedes - “Eu acho que a gente interage às vezes até demais” (Beatriz), “No início a gente até se envolvia mais. Hoje a política é se envolver o mínimo possível com eles, porque senão fica fazendo esse laço afetivo que não é o caso.” (Leonardo).
- 57 As interfaces entre o doméstico e o comercial são assumidas neste caso como um conflito indesejado, sendo percebidas como autoprejudiciais, e até mesmo demandando estratégias capazes de “dissociar” ou afastar tais esferas.

O que eu acho também... porque a gente mora aqui, a gente mora no primeiro andar. Então isso fica um pouco misturado. Talvez se a gente saísse daqui e transformasse tudo isso numa parte mais profissional, neste sentido de hospedagem, talvez seria mais fácil pra gente. Porque a gente ainda tem esse envolvimento... A gente agora já tá pensando nisso [em se mudar]. Até porque pra tentar manter a coisa mais trabalho, mais profissional, a gente se deslocar um pouco do ambiente, pra coisa ficar mais certa... Transformar numa pousada a casa inteira. Aí a gente pensa em Laranjeiras, Flamengo. O Leonardo gosta muito do Flamengo, que é bem próximo daqui. (Beatriz - Casa das Bananeiras)

- 58 A interpretação de tais incômodos particularmente apresentados neste caso deve levar em conta a motivação para o oferecimento destas hospedagens, norteadas pela necessidade de manutenção e reforma da casa, e para a conquista de mais tempo livre para que os moradores pudessem dedicar às suas profissões de formação.

Partiu dessa ideia de manter a casa. Como a casa, é... a gente comprou ela muito assim em ruínas, a gente tinha que gerar uma receita pra manter ela. Começou com isso, Espaço Bananeiras, que tinha uma pizza, tinha forno a lenha, tinha música, e

foi a forma que a gente começou. E depois isso aí começou a ser muito trabalho, e a gente não tinha nem tempo dele fazer a arte. Aí pensamos: vamos fazer uma coisa mais tranquila. E mais rentável também, porque era muito interessante o espaço assim, na parte cultural, mas realmente não dava pra manter. (Beatriz)

- 59 Ainda que operacionalizada em caráter permanente e predominantemente com estadias por temporada, esta atividade assume, na realidade, um caráter de segundo plano quando comparada com as atividades profissionais de formação de cada um. Contudo, mesmo tendo como motivação central o suporte de suas atividades nas Artes Plásticas e chegando em alguns momentos a perceber as hospedagens como uma ameaça aos estes objetivos, Leonardo também demonstra apreciar a oportunidade de conhecer outras pessoas, suas vidas e culturas: “Quem diria, né?! Que a gente ia conviver com todo esse povo, né?! Muito legal... Eu sempre converso um pouquinho com eles, aí é muito legal saber da vida deles, como é que é na Áustria, entendeu? É incrível, né? Tudo limpo...”
- 60 Assim, mesmo neste caso, onde a motivação está fortemente ligada ao aspecto financeiro da relação, é possível observar a presença de elementos que contrariem as crenças de uma incompatibilidade entre atividade comercial e a dinâmica da dádiva descrita por Mauss (2008). Na realidade, tomando como referência as observações de campo e os depoimentos colhidos nas entrevistas com os anfitriões/ moradores, vamos ainda mais além, sustentando que as dinâmicas, comportamentos e significados observados em todas as casas pesquisadas indicam a presença de funcionamentos e lógicas que aproximam-se da dádiva de Mauss (2008).
- 61 Conforme indica Godbout (1998: 18), “a dádiva também pretende sujeitar os outros sistemas à sua lei, que consiste em liberar a troca e fazer surgir algo imprevisto, fora das regras.” Assim, este elemento a mais seria responsável por manter viva a relação de troca e reciprocidade, rompendo com equivalências mecânicas e calculáveis do mercado. Nestes termos, é possível afirmar não somente que nenhuma destas relações entre hóspedes e anfitriões em questão ocorre de maneira puramente racional, calculista, mecânica e interessada, mas também que em todas elas existe a presença de elementos que transcendem a equiparação mercadológica.
- 62 Literal e formalmente, a modalidade de hospedagem de tipo “cama e café” deveria demandar somente o oferecimento de um espaço para alojamento e pernoite – incluído aí um banheiro que pode ou não ser compartilhado – e uma refeição diária de café da manhã. Entretanto, todos os moradores visitados descrevem - explícita e implicitamente – a oferta ou fornecimento de elementos que transcendem esta equiparação decorrente do pagamento. São almoços, jantares, tours pelo bairro, dicas de lazer e viagem, auxílio em atividades básicas como sacar dinheiro no banco, pegar o metrô ou o ônibus correto e enviar correspondências; em suma, um misto de consultoria local e relação de amizade. Beatriz (*Casa das Bananeiras*) conta: “Já teve hóspede que precisou ir no médico aí bate lá em cima e a gente leva e tal.” Maria Cláudia (*Casa das Marias*) também relata:
- Assim, quando eles chegavam eles falavam, e como era carnaval e eu estava em casa, aí então eles chegavam da rua “oi!”, aí entravam, eu dava um guaraná, entendeu? Era uma coisa assim. Ficou muito próximo, né?! E como eles não tinham muita experiência com Brasil, então a gente... eu tive que ficar ajudando muito, entendeu? Faz isso, não pega ali, ali você pode pegar um táxi...não, ali você pode ir de metrô. Entendeu? Então, acho que foi assim. Uma orientação, tive que orientar muito, eles não tinham muita noção, né?! Então eu tive que ligar pra escola de samba, sabe aquela coisa assim de turista?

- 63 Ainda quanto à articulação entre intimidade e atividade comercial, a *autenticidade* surge como uma categoria nativa ligada à percepção e significação do lar como um refúgio representativo, onde “o ator pode desconstrair-se, abandonar a sua fachada, abster-se de representar e sair do personagem.” (Goffman 2011:107).

Olha, na minha cabeça lar é refúgio. Adoro ter gente em casa. Se eu puder eu encho a casa de gente. Eu gosto de receber. Eu gosto muito mais de receber pessoas na minha casa do que de ir na casa dos outros. Mas, acho que todo tempo tem a ver com isso. Com essa ideia de que é um refúgio, é um lugar onde eu sou mais autêntico, a máscara que eu preciso usar é a mais leve. Porque eu trabalho de terno, trabalho numa instituição que é extremamente careta, extremamente fechada... [O Tribunal Regional do Trabalho do RJ] Pô, é um negócio que é um outro mundo, é um formalismo extremo. Então aqui a gente pode não ser formal e a impressão que a gente tem é que um turista que vem para um *cama e café* ele quer exatamente isso: que você seja menos formal, essa coisa de uma rotina de casa, de vida doméstica, né?! Nunca vi ninguém reclamar disso. Criança, bicho, e tal... (Paulo - Cazazen)

- 64 Assim sendo, as representações configuradas para a plateia representada por chefes e colegas de trabalho - em suma, por indivíduos que para o entrevistado simbolizam o *ethos* da metrópole, tendo destaque a exacerbada formalidade - podem ser substituídas por *performances* mais relaxadas, prazerosas, *autênticas*. Com a abertura da casa seja para hóspedes amigos ou desconhecidos, novas plateias são estabelecidas, e com elas, novas e diferenciadas representações. No entanto, é possível observar na fala supracitada que a combinação entre a percepção da casa como um refúgio e a predisposição para sua abertura estão associadas a um entendimento de que o que estas novas plateias têm como interesse ou expectativa de representação é exatamente aquilo que este anfitrião/morador quer “representar”; são, assim, plateias “eleitas” pelo convite imbricado nas próprias relações de hospitalidade.
- 65 A *autenticidade* como categoria nativa representa, portanto, mais do que uma possibilidade, mas também uma demanda. Beatriz (*Casa das Bananeiras*) também observa esse interesse:

Eu acho até que o gringo que vem pra cá, até pra essa casa, tem essa identidade. O gringo que vem pra Santa Teresa, ele quer mesmo ter essa coisa meio da roça. Ele não quer ter muito contato. Ele quer isso, entendeu? Ele não quer um super hostel que tenha tudo perto... Ele quer experimentar talvez até a precariedade, não sei.

- 66 Dessa forma, a interpenetração entre atividade comercial e intimidade, percebida pelos moradores da Casa das Bananeiras como prejudicial e problemática, passa na perspectiva dos hóspedes a configurar uma de suas principais demandas, estando associada também a sensações ou experiências de “*estar em casa fora de casa*”. Há, portanto, um grande interesse nesta *autenticidade* representada pela maior aproximação possível de respostas para questões como “o que é ser *local* em Santa Teresa?”, lógica essa intrinsecamente associada à busca por integração, consumo e experimentação do *local*, como pode ser observado na fala de Paulo (Cazazen):

O turista que vem pra Santa Teresa fica dentro de casa e fica no bairro. Procura conhecer o bairro. O turista que vai pra Ipanema, ele quer uma cama. Ele acorda de manhã e vaza, praia... ele vai pra cidade. E a gente vive essa possibilidade, do cara acordar de manhã, tomar um café muito lentamente, ir se integrando à cidade.

- 67 Neste sentido, as atividades de lazer realizadas com hóspedes, além de representarem elementos *a mais* que sinalizariam a coexistência das lógicas da dádiva e comercial, evidenciam também outra característica particular da dádiva: sua capacidade de

converter o outro em *semelhante*. Logo, aplica-se, nestes casos, o funcionamento descrito por Lanna (2000:176):

Ao dar, dou sempre algo de mim mesmo. Ao aceitar, o recebedor aceita algo do doador. Ele deixa, ainda que momentaneamente, de ser um outro; a dádiva aproxima-os, torna-os semelhantes. A etnografia da troca dá ainda um novo sentido às etiquetas sociais. Por mais que estas variem, elas sempre reiteram que, para dar algo adequadamente, devo colocar-me um pouco no lugar do outro (por exemplo, de meu hóspede), entender, em maior ou menor grau, como este, recebendo algo de mim, recebe a mim mesmo (como seu anfitrião).

68 Assim, se a dádiva representa um movimento de mistura e aproximação entre os envolvidos, ela pode servir não somente para explicar uma progressiva – ainda que parcial – transformação do hóspede em *local*. Enquanto marca do *ethos* deste bairro descrito pelos entrevistados, ela também pode ser compreendida como um importante elemento para a assimilação de estrangeiros como moradores locais. Funciona como uma ferramenta capaz de substituir hostilidade por hospitalidade; o oferecimento da dádiva como símbolo da proposta para o estabelecimento do vínculo é, então, um elemento chave responsável pela intermediação desta entrada do outro no espaço e de sua transição das condições simbólicas de *estrangeiro* para *local*.

69 Ainda neste sentido, permeadas pela demanda dos hóspedes por conhecer e vivenciar o *autêntico* como noção-símbolo do que estaria mais próximo da realidade vivida por seus hospedeiros em Santa Teresa, a realização de atividades de lazer em conjunto ou suas indicações acabam por suscitar nestes moradores/anfitriões questionamentos, revisões e reelaborações de questões como: O que é, para mim, ser um morador de Santa Teresa? Quais são os espaços de lazer e sociabilidade que me representam? E o que é Santa Teresa para mim?

A gente que tenta passar pra eles uma visão que seja mais a visão de um habitante do bairro, e não uma visão turística, de vir aqui, olhar as vistas e tal. [...] a gente é que influencia a percepção das pessoas sobre o que é, de fato, o bairro. Então a gente leva pro [Bar do] Gomes, leva o cara ali pra ele ver uma rodinha de gente conversando... é essa coisa que o cara, se vier como turista atrás de uma câmera e não vai ver. (Paulo - Cazazen)

70 Assim sendo, a busca pelo atendimento destas demandas apresentadas pelos hóspedes, parece influenciar tanto a elaboração da representação de si para esta plateia quanto também os processos de identificação destes moradores com o bairro. A interação com o hóspede funciona, portanto, como um importante fator de reedição ou mesmo reafirmação constante destes aspectos.

71 Além disso, o turista é descrito como aquele que traz consigo a capacidade de reavivar tanto o bairro, quanto o olhar que o morador local tem de Santa Teresa, movimentando a economia local e oferecendo-lhe *novos* ângulos e significados para os *mesmos* espaços. Através de suas interações, promove revisões e releituras dos processos de identificação e significação destes moradores com espaços e localidades de Santa Teresa.

72 Partindo de outro contexto referencial, o turista apresenta motivações diferenciadas e direciona seu olhar “para aspectos da paisagem do campo e da cidade que os separam da experiência de todos os dias. Tais aspectos são encarados porque, de certo modo, são considerados como algo que se situa fora daquilo que nos é habitual.” (Urry 2001: 18) Tais processos ficam claros na fala de Maria Cláudia (*Casa das Marias*): “Acho que cada pessoa que for vir, acho que afeta sim, porque coisas que eu nem ligava mais e aí o turista ‘ah,

que coisa!’, aí você ‘ah, realmente!’. O olhar é renovado [...] aí eu começo de novo a revisitar Santa Teresa.”

- 73 Também nesta direção, parece haver uma espécie de validação – tanto individual quanto coletiva –, através da formação de um sentimento de orgulho gerado pelo interesse do outro.

Uma pessoa que vem lá da Europa ficar na minha casa, sabe assim?! Aquele sentimento: ‘Pô, bacana! Então eu tenho alguma coisa legal para oferecer pra alguém, entendeu? Acho que isso é um sentimento bom, né? [...] É bom você ver que tem um bairro que chama atenção, pela história, pelas coisas antigas, que as pessoas gostam. Acho bacana.

- 74 Ainda que algumas desvantagens da atividade turística na localidade sejam apontadas¹³, a grande queixa apresentada refere-se à gestão pública deste turismo e à transformação do perfil e da identidade do bairro. As vantagens do forte ancoramento em relações pessoais, informais e regidas pela lógica da vizinhança – contidas no *ethos* de cidade pequena descrito anteriormente –, estariam sendo gradativamente sobrepostas por uma identidade turística formatada, vendida e, principalmente, voltada para privilegiar o atendimento do turista. Podemos observar tais colocações no depoimento de Maria Cláudia:

Por outro lado, eu fico pensando: o bairro é tão turístico e que ninguém dá, quer dizer, quem pode, eu digo assim, as autoridades, acho que não olham dessa forma, não tem esse olhar. Você vê a tragédia do bondinho, o bondinho não voltou. O descaso e, assim, parece que tudo que fecha aqui se transforma em algo pro turista. Pro morador nada. [...] E o barulho. Nós temos um amigo que mora aqui, aqui nessa rua principal e ele falou que não consegue dormir, por causa do bar que abriu. Então, quem vem acha lindo, piano... mas, pro morador é complicado, porque a pessoa dorme cedo, acorda cedo, e como é que faz com o barulho? Como moradora eu tô um pouco preocupada de estarem fazendo as coisas só para os turistas e pro morador, né? Parece que querem expulsar a gente.

- 75 A partir destas observações podemos concluir que a atividade turística ocasiona inferências contraditórias na relação estabelecida entre morador e bairro e em seus processos de identificação com o mesmo. Por um lado, promove a releitura e revisão de significações de espaços e a validação de seus valores através do olhar do *estrangeiro* e de seus interesses. Por outro, compromete a identificação do morador com o bairro, em virtude de sua controversa gestão pública e do favorecimento da substituição de investimentos e infraestruturas voltados para o morador local por aqueles que visam atender às demandas de turistas e visitantes.

- 76 Por fim, o oferecimento destas formas de hospitalidade pode ser relacionado ao *ethos* de cidade pequena atribuído ao bairro de Santa Teresa. Entende-se que ambos simbolizariam estratégias alternativas de resposta para o crescente processo de individualização que gradativamente impõe noções como as de racionalidade, utilidade e interesse como explicações hegemônicas para toda e qualquer forma de relação. A dádiva, presente tanto nas relações estabelecidas entre moradores locais quanto entre hospedeiro e hóspede serve, então,

para se ligar, para se conectar à vida, para fazer circular as coisas num sistema vivo, para romper a solidão, sentir que não se está só e que se pertence a algo mais vasto, particularmente à humanidade, cada vez mais que se dá algo a um desconhecido, um estranho [...] é fundamentalmente para sentir essa comunicação, para romper o isolamento, para sentir a própria identidade. (Godbout 1998:20)

- 77 Se autores como Bauman (2008b) sustentam que as lógicas do mercado e do consumo estariam hegemonicamente transformando pessoas em mercadorias, impondo seus

funcionamentos como resposta para os “vazios identitários” de indivíduos perdidos na liquidez da modernidade contemporânea, as observações e interpretações deste trabalho empírico demonstram a existência de diversificadas formas de resposta para este movimento de individualização que manifesta-se, ambigualmente, em suas instâncias quantitativa e qualitativa (Simmel 2005). Ainda que aborde um objeto onde a intimidade e o cenário doméstico são, de fato, comercializados, a sociedade é vivida como comunidade através da dádiva presente em suas relações de bairro e, a hospitalidade parece simbolizar, enquanto virtude moral e espiritual, a esfera do “outro mundo” na articulação complementar entre códigos sociais da casa e da rua.

- 78 Sustenta-se, portanto, que essas formas de hospitalidade podem ser compreendidas como fatos sociais totais por envolverem trocas que, longe de representarem relações estritamente mercadológicas, relacionam-se, também, com outras instâncias da vida social, como a afetiva e até mesmo a espiritual. Como demonstrou Zelizer (2008), as interfaces entre intimidade e consumo não estão, necessariamente, isentas de conflitos e ambiguidades, mas interagem nestas relações como dualidades complementares e indissociavelmente entrelaçadas.
- 79 Ainda que a gestão pública e o direcionamento da oferta turística possam estar comprometendo esta identidade de cidade pequena percebida e valorizada por estes moradores, os encontros de hospitalidade aqui abordados parecem, por sua vez, fortalecer os processos de identificação destes entrevistados com Santa Teresa, promovendo oportunidades de validação, releitura e ressignificação. As identificações com o bairro mantêm-se, assim, não pela conservação estática das identidades espaciais, coletivas e individuais, mas através de processos dinâmicos que permitem sua flexibilização e reelaboração constantes.

BIBLIOGRAPHY

- BAUMAN, Zygmunt. 2008. “Identidade no mundo globalizante”. In: *A sociedade individualizada: vidas contadas e histórias vividas*. Rio de Janeiro: ZAHAR. pp. 178-194.
- _____. 2008b. *Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadoria*. Rio de Janeiro: ZAHAR.
- DAMATTA, Roberto. 1997. *A Casa e a Rua: Espaço, Cidadania, Mulher e Morte no Brasil*. 5 ed. Rio de Janeiro: Rocco.
- GODBOUT, Jacques. 1998. “Introdução à dádiva”. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 13, n. 38: 39-52.
- GOFFMAN, Erving. 2011. *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- MAGNANI, José Guilherme. 1984. *Festa no pedaço: cultura popular na cidade*. São Paulo: Edusp.
- _____. 1996. “Quando o campo é a cidade: fazendo Antropologia na metrópole”. In: MAGNANI, José Guilherme C.; TORRES, Lilian de Lucca (Orgs.). *Na metrópole: textos de Antropologia Urbana*. São Paulo: EDUSP. pp. 12-54.

_____. 2002. “De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana”. In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v.17, n. 49: pp. 11-29.

MAUSS, Marcel. 2008. Ensaio sobre a dádiva. Lisboa: Edição 70.

PARK, Robert. 1987. “A cidade: Sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano.” In: VELHO, Gilberto (Org.), *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Guanabara. pp. 26-68.

PIMENTEL, Ana. 2007. *Hospedagem domiciliar na cidade do Rio de Janeiro: o espaço de encontro entre turistas e anfitriões*. Rio de Janeiro: Dissertação de Mestrado em Psicosociologia de Comunidades e Ecologia Social, UFRJ.

SIMMEL, George. 1973. “A metrópole e a vida mental”. In: VELHO, Gilberto (Org.), *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Guanabara. pp. 11-26.

_____. 1983. O estrangeiro. In: MORAES FILHO, Evaristo (org.), *Coleção Grandes Cientistas Sociais*. São Paulo: Ática. pp. 182-194.

ZELIZER, Viviana. 2009. “Dualidades perigosas”. In: *Mana* [online] v.15, n.1: 237-256.

_____. 2011. A negociação da intimidade. *Coleção Sociologia*. Petrópolis, RJ: Vozes.

NOTES

1. A nomenclatura “cama e café” vem do termo em inglês *bed and breakfast* e diz respeito a hospedagens domiciliares onde é oferecido alojamento para pernoite e uma refeição diária – geralmente de desjejum.
2. A rede *Bed and Breakfast Brasil* será mencionada a partir deste momento pela sigla *B&B Brasil*.
3. Foram realizadas quatro entrevistas semiestruturadas ao todo, sendo uma delas com o gestor e fundador da rede – por *email* – e três delas com os anfitriões selecionados – todas realizadas em português, durante as estadias, e gravadas em áudio mediante a autorização por escrito dos entrevistados. Os períodos de hospedagem em cada casa foram: de 03/06/2013 até 05/06/2013 (*Cazazen*), de 09/06/2013 até 11/06/2013 (*Casa das Bananeiras*), e de 17/06/2013 até 19/06/2013 (*Casa das Marias*).
4. A *unidade de hospedagem* é o espaço fisicamente delimitado e dedicado especificamente ao alojamento dos hóspedes.
5. O *núcleo domiciliar* é o espaço interno da casa – delimitado fisicamente por paredes – não dedicado ao oferecimento destas formas de hospitalidade paga. Conforme observamos após a incursão no campo, este espaço pode ser ou não aberto para a entrada e uso dos hóspedes.
6. Este autor entende por *região moral*, “[...] regiões onde prevalece um código moral divergente, por uma região onde as pessoas que a habitam são dominadas, de uma maneira que as pessoas normalmente não o são, por um gosto, por uma paixão, ou por algum interesse que tem sua raiz diretamente na natureza original do indivíduo.” (PARK, 1987, p.66)
7. Processo evidenciado a partir dos últimos anos da década de 1970, e marcado pela obsessão pela lembrança e pelo registro, combinados à mercadorização e à globalização de memórias.
8. “Santa Teresa é um bairro muito informal. Não tem aquela coisa que você tem lá embaixo das pessoas serem distantes, que é uma coisa natural do carioca. Você encontra o cara num bar, ele é efusivo, mas nunca te diz o telefone, nunca te diz onde ele mora. Aqui em Santa Teresa não. As pessoas convivem em casa, levam em casa, chamam pra casa. Então tem essa meio que cara de cidade de interior, acho que essa é a diferença maior.”

9. É interessante destacar que serão também mencionadas formas de interação entre hóspede e anfitrião que ocorrem fora deste cenário, como é o caso das atividades de lazer desempenhadas em conjunto.

10. Regiões onde, respectivamente, a representação do eu seria relaxada e apresentada (metáfora do teatro).

11. “Depois eu até falei com eles ‘se vocês quiserem fazer um macarrão, alguma coisa, pode ir lá fazer, não tem problema...’.”

12. Tais teorias pregam, respectivamente, que a interpenetração entre instâncias afetivas e comerciais da vida social seria maculadora para ambas e que estas são esferas claramente delimitáveis e separáveis da vida social. (Zelizer, 2008).

13. O barulho de festas, bares e restaurantes, e a dificuldade em estacionar o próprio carro nas ruas dos bairros nos finais de semana - em virtude do grande número de turistas e visitantes que sobem as ladeiras de carro - foram as principais desvantagens apontadas pelos entrevistados.

ABSTRACTS

Marcados pelas complexas interfaces entre consumo e intimidade, hospedagens de tipo “cama e café” transcendem lógicas e domínios da hospitalidade. Com o objetivo de compreender os encontros entre hóspedes e hospedeiros decorrentes em estabelecimentos deste tipo localizados no bairro de Santa Teresa, esta investigação buscou descrever e interpretar suas dinâmicas, seus comportamentos e significados. Assumiu as memórias elaboradas por anfitriões como elementos dinâmicos e processuais, tomando suas parcialidades como indicadores a serem problematizados e contextualizados. Observou que, apesar de marcados pela atividade comercial, estes encontros podem ser norteados pela dádiva, concomitantemente sendo influenciados pelo *ethos* do bairro em questão, e influenciando as relações estabelecidas entre morador e espaço (público e privado). A constituição de relações sociais tanto entre locais quanto entre hóspedes e hospedeiros parece funcionar como uma estratégia de resposta a condições contemporâneas como a fraturação do espaço vivido, a aceleração do tempo e a desestabilização de identidades.

Marked by complex interfaces between consumption and intimacy, *bed and breakfast* lodging transcend logic and domains. In order to understand the encounters between guests and hosts in this type of establishments located in Santa Teresa, this study aimed to describe and interpret their dynamics, behaviors and meanings. Assumed the memories produced by hosts as dynamic and procedural elements, making their biases as indicators to be problematized and contextualized. Noted that, although marked by commercial activity, these meetings can be guided by the gift, concurrently being influenced by the *ethos* of the neighborhood in question, and influencing the relations between residents and public and private spaces. The creation of social relations both between natives and between guests and hosts seems to work as a strategy to respond to contemporary conditions as the fracturing of lived space, the acceleration of time and destabilization of identities.

INDEX

Keywords: tourism, hospitality, home, gift, self representation

Palavras-chave: turismo, hospitalidade, casa, dádiva, representação do eu

AUTHOR

RENÉE LOUISE GISELE DA SILVA MAIA

Doutoranda em Memória Social – PPGMS/UNIRIO. reneemaia@gmail.com